

ORIGINALIDADE NA REDE: UTOPIA ANTE UM HIPERTEXTO GLOBALIZADO

Neide Domingues da Silva
(neidedomingues@yahoo.com.br)
<http://lattes.cnpq.br/5624556381290886>

*Às vezes tenho ideias, felizes, / Ideias subitamente felizes,
em ideias / E nas palavras em que naturalmente se
despejam.../ Depois de escrever, leio.../ Porque escrevi isto?
/ Onde fui buscar isto? / De onde me veio isto? Isto é melhor
do que eu.../ Seremos nós neste mundo apenas canetas
com tinta / Com que alguém escreve a valer o que nós aqui
traçamos?...*

Fernando Pessoa, *Obras completas: Poesias*,
p.65

Percebe-se, na obra de Fernando Pessoa (1888 -1935), uma constante reflexão acerca do imaginário humano. De onde vêm as ideias, para onde elas vão, por meio de que instrumentos, são indagações frequentes nos poemas deste escritor. Durante muito tempo, a imaginação criadora foi associada apenas ao pensamento poético. Para Bachelard apud Paiva (2005), imagens autônomas são indispensáveis também para o desenvolvimento do ideário científico:

Para que algo de original aflore, é imprescindível que a imaginação criadora se infiltre e conquiste seu lugar no pensamento científico. Às muitas críticas tecidas à ideia de que os recursos metodológicos por si só conduzem às novas descobertas, subjaz o reconhecimento de que, por maior que seja o esforço de minimizar o papel da imaginação, ela se torna crucial para que, da mera observação, do método pré-estipulado, seja possível alcançar o âmbito da novidade, de modo que a ciência se revigore incessantemente. (PAIVA. 2005, p.17)

A autonomia do pensamento mostra-se cada vez mais diluída numa configuração linguística coletivizada por meios de comunicação tecnológicos que estimulam, sobretudo, a perpetuação de um ideário disseminado em tempo real pela mídia virtual. As concepções acerca do real remetem a Platão. O binômio platônico real-ideal foi, de certo modo, substituído pela dicotomia real-

virtual. Permanece o conflito grego da representatividade, da imitação imperfeita da realidade, devido à impossibilidade em se apropriar dela tal qual ela o é. Acerca da dimensão epistemológica humana, vale conjectura a relevância da cultura helênica:

Com suas definições bem-destacadas, as escolas não deixavam de promover a diferenciação entre si. E é por isso que não se pode deixar de registrar as principais escolas filosóficas (séc. VI e V a.C): a) Escola Jônica: tendo como defensores Anaximandro e Heráclito, trazia noções existenciais com base nos quatro elementos: água, ar, fogo, terra. Voltavam-se para questões externas ao homem. b) Escola Eleática: tinha como defensores Xenôfanés e Zenão com ideias concentradas em respostas pessoais acerca dos questionamentos jônicos, partindo do princípio de unidade do elemento. c) Escola Sofista: defendida por Protágoras e Górgias, de forma individualista e subjetivista, procuraram responder às questões do espírito humano, do conhecimento e da ética. É de Protágoras a frase “O homem é a medida de todas as coisas.” que relativiza a verdade e a justiça. d) Impugnação ao Sofismo: Sócrates, Platão e Aristóteles destacaram-se pela oposição aos sofistas. e) Escola estoica: Sêneca e Marco Aurélio apregoam que a virtude é o fim supremo da vida. f) Escola Epicúrea: Epicuro pregava que o único bem da vida é o prazer. (GAMA. 2007 p.21)

Inicialmente, o sofismo foi associado à sabedoria, haja vista as estratégias argumentativas nele envolvidas. Com a corrosão semântica do termo, passou a indicar pensamentos falaciosos em decorrência da relativização da verdade, vinculada à concepção particular que se faz de um ser qualquer. Séculos pós-sofismo, a verdade em uma mensagem permanece configurada de modo relativo e efêmero assim como a imagem que a estimula. O processo de substituição de verdades acelerou-se, em parte, por influência das tecnologias de informação, que torna uma ideia obsoleta em questão de instantes. A internet está para o século XX assim como a imprensa esteve para o XV. Trata-se de uma espécie de mimesis tecnológica, com o mesmo atributo de efemeridade platônica:

Para Platão (427- 347 a.C), o mundo das ideias e o mundo sensível relacionam-se entre si. As coisas sensíveis imitam as ideias que lhes correspondem como um pintor imita em seu

quadro a natureza. Como imitação, as coisas sensíveis sempre são imperfeitas e, por isso, mutáveis. (ZILLES. 2006, p. 23-24).

Vivesse Pessoa mais alguns anos, presenciaria uma verdadeira revolução comunicativa tecnológica. Com a invenção do computador na década de 40, configurou-se um novo *continuum* referente ao processo de aquisição, registro e transmissão de conhecimento: *Homo faber* > *Homo loquens* > *Homo digitalis*. Essa concepção darwinista do homem permite-nos considerar o processo de seleção natural que, do ponto de vista sociológico, não se apresenta de modo tão natural assim. A inclusão digital ainda não se popularizou o suficiente para que o *Homo digitalis* prevaleça sobre o *Homo loquens*. Na verdade, o *Homo digitalis* não substitui as espécies anteriores, apenas amplia seu arsenal semiótico, e ressignifica ferramentas comunicativas. O homem pós-moderno não abandona a fala, competência interlocutória básica adquirida pelos pré-históricos, mas, em um processo de adaptação às mudanças ideológicas instauradas ao longo dos séculos, transforma seus modos de pensar, agir e comunicar. A busca pela sobrevivência e perpetuação da espécie permanece peremptória:

O *Homo sapiens* aparece quando se distiguem e se completam no seu corpo o *Homo faber* (mãos, instrumentos) e o *Homo loquens* (aparelho fonador). Em termos de cérebro, a situação é esta: a quarta área do córtex frontal do sulco de Rolando controla tanto os movimentos dos membros (mãos e pés), como os da face, incluindo os da laringe, responsáveis pela produção da voz. O gesto, o olhar e a palavra são contíguos na central elétrica da significação que é o cérebro. (BOSI.1977.p.75)

O titã Adamastor lutou contra Poseidon pelo amor de Tétis e perdeu. Somos deuses navegantes ou derrotados gigantes presos numa traiçoeira rede. Para Fernando Pessoa (1986:65), “navegar é preciso, viver não é preciso.”, numa charge de Millôr Fernandes, “navegar é preciso, viver é impreciso.” Considerando-se a acepção cibernética do termo “navegar”, haverá precisão-necessidade conforme Pessoa ou precisão-exatidão de acordo com Fernandes? Talvez uma combinação entre Pessoa e Fernandes surta um efeito

razoável: navegar é impreciso. Desse modo, configura-se a ideia de um imaginário tecnológico em deriva, cujo rumo não se pode precisar. Ele vai depender da intensidade e da direção dos ventos. Além da substituição da competência datilográfica pela digitográfica, o advento das tecnologias de informação, principalmente da internet, provocou uma ampliação das possibilidades de onipresença e onisciência. Superam-se limitações de tempo e espaço a partir da universalização textual promovida pela Rede Mundial de Computadores. A prática de paráfrase e paródia, por exemplo, assumem uma dimensão globalizada a partir do uso dessa tecnologia:

Os efeitos induzidos pelo computador se agregam aos que eram causados pela televisão e têm sua continuidade nos efeitos gerados pela implantação em grande escala da telefonia móvel. Tudo isso inter-relacionado de forma que a atuação conjunta desses meios nos introduz numa fase distinta das anteriores, na qual os modos de vida se transformam incitados pelas formas de transmitir informação e adquirir conhecimentos. (TAPIAS. 2006, p.44-45)

Questiona-se, por conseguinte, a noção de direitos autorais, atravessada por questões ligadas à ética e legalidade. Há de se convir que o limiar entre o plágio e o intertexto mostra-se bastante tênue. Apropria-se do imaginário alheio o qual, muitas vezes, tem sua autoria substituída pelo anonimato. Presume-se a existência de um imaginário original num Jardim do Éden das Ideias, onde teria sido iniciado o processo polifônico. Para Bakhtin (1999), a originalidade textual-discursiva é uma expectativa utópica haja vista as evidências de polifonia em âmbito comunicativo. Esse conceito é abordado em Brait (2006):

Há conceitos próximos, mas não necessariamente intercambiáveis, caso de alteridade, dialogismo, polifonia, que constituem como heterogeneidade, interdiscursividade e intertextualidade, dimensões da noção de “outro” e de sua importância na reflexão sobre linguagem.[...] O conceito de de heterogeneidade, cunhado por Jacqueline Authier-Revuz, assim como o de intertextualidade, estabelecido por Kristeva, têm fortes raízes no pensamento bakhtiniano[...]. A questão da alteridade constitutiva ganhará um espaço fundamental nos estudos da linguagem, interferindo na noção de sujeito, de autoria, de texto (verbal e não-verbal),

de discurso, interlocutor, e especialmente de vozes discursivas. (BRAIT. 2006. p. 28-29)

A referência à heterogeneidade e alteridade textual-discursivas remete a noção de sujeito produtor textual-discursivo: de quem é a voz ou de quem são as vozes que se manifestam no imaginário humano? Essas múltiplas vozes, contraditoriamente, configuram um silenciamento do sujeito, herdeiro da etíope Lucy ou de algum contemporâneo dela, responsável pela origem da comunicação humana. A citada imprecisão quanto à autoria da palavra potencializou-se por meio do computador em decorrência da facilidade no acesso aos mais diversos ideários, ilimitados no tempo e no espaço. O aparente anonimato cibernético, na verdade, representa uma amálgama polifônica em que coexistem vozes intercontinentais pré-históricas, medievais, modernas, contemporâneas. Assim, o sujeito autor do imaginário humano não morreu, pelo contrário, imortalizou-se, dialeticamente, em outros sujeitos que se sobrepõem ao longo dos séculos, num infinito hereditário com que se tecem a epistemologia, a ontologia e a fenomenologia. Etimologicamente, texto vem do latim *textum*, que significa tecido. A partir da ideia de multissujeito, o conceito de texto confunde-se com o de multitexto, a ponto de emergir a noção de hipertexto e hipermedia:

É o caso da Internet, que utiliza a linguagem HTML (*HyperText Markup Language*) que permite descobrir a informação disseminada, num sistema em que todos podem comunicar com todos, em sincronia. Este sistema global de informação pode incluir não só texto mas também imagem, animação, vídeo, som, etc., falando-se neste caso de *hipermedia*. A exibição de museus, a apresentação de materiais acadêmicos, os livros electrónicos, os pacotes educativos, etc. são formas de hipermedia.

O gênero textual computadorizado de nome hipertexto ou hipermedia provoca uma espécie de estranhamento diante do texto como entidade individual, pessoal, egocêntrica, de própria autoria. Em seu poema **Exorcismo**, Drummond ironicamente faz uma paródia da **Ladainha de Todos os Santos**, que nos permite refletir sobre nosso estado de possuídos por outras vozes:

[...] Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchomock/
De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser/ De
Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov/ De
Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva/ Libera nos,
Domine*

Também se faz pertinente a essa discussão, o atributo de criatividade, tão valorizado nas produções humanas em geral, particularmente nas artes e ciências. Se a minha voz representa um prolongamento de vozes ancestrais, como proceder a ruptura entre o eu e os outros? Em que ponto termina o imaginário alheio e começa o meu? Em que medida, o que penso é introspectivo se minhas sensações advêm de estímulos externos? Em Zamboni (2001):

No campo da noção de subjetividade, a tendência a reconhecer a heterogeneidade provoca uma relativização do par EU-TU, que vai apresentar, como consequência, o Outro como constitutivo do sujeito compartilhando com esse último o espaço discursivo da enunciação. (ZAMBONI. 2001. p.22)

Assim como na natureza, o ato de criar assume uma dimensão lavoisiana: na linguagem, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Essas transformações fonêmicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas, estilísticas, dentre outras, serão, em parte, responsáveis pela atribuição da excelsa criatividade. Nesse contexto, os processos de lexicalização e gramaticalização, isto é, de reestruturação linguística segmental decorrem desses ímpetus de criamento inconsciente. Para Mallarmé apud Massaud Moisés (2001:252), “Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema, que consiste em ir adivinhando pouco a pouco: sugerir, eis o sonho; é a perfeita utilização desse mistério que constitui o símbolo.” A partir desse pressuposto, o não-dito representa um estímulo serotoninico porque permite ao outro inserir-se no eu, existir a partir deste, completá-lo; prolongá-lo; reconfigurá-lo por meio de uma assimilação de identidades. Desse modo, inclusive o silêncio é material pertinente ao imaginário humano.

Considerem-se, por exemplo, ocorrências textuais-discursivas implícitas e subentendidas. O eu existe em função do outro, numa relação de

alteridade, isto é, num acordo tácito de ontogênese e filogênese, que evoca os postulados de Freud e Nietzsche. Na terminologia freudiana, o **termo alterego** (do latim *alter*: outro, *egus*: eu) pode ser entendido literalmente como outro eu, aquele em quem me projeto de modo reflexivo-refratário. O pensamento nietzchiano resume a evolução humana em dever-querer-alcançar, em que, inicialmente o homem é tu; num estágio intermediário; eu, numa fase avançada torna-se ele:

Num primeiro momento da história espiritual do homem, pelo menos o de espírito sadio, ele não passa de um camelo, que, como o desgraçado animal, apenas ajoelha-se e agradece quando lhe dão uma boa carga. Carrega pelo deserto a culpa por ter nascido. Na sua humilde corcova, avolumam-se as penas do mundo, sobrecarregado pelas regras morais e pelas imposições que lhe fazem, que lhe dizem “Tu deves!”. Porém, no deserto, isolado, dá-se uma transformação. O camelo vira um leão. É o espírito que finalmente liberto quer ser “o senhor de seu próprio deserto”. Agora é ele quem rugindo desafiante responde “Eu quero!”. Se bem que o leão não consiga ainda criar os novos valores, ele, pelo menos, assentado na sua força e vigor extraordinário sacode para fora a canga que afligia o pobre camelo. Dá-se então a derradeira transformação: o leão vira criança. Sim, porque a criança é esquecimento, é um novo começo, é o embrião do super-homem que, ao crescer e desenvolver-se quer conseguir o seu mundo: “Ele alcançará.” (SCHILLING.2001.p.64)

Afirmar-se como senhor do mundo é o desafio que se apresenta ao homem, que domina, explora e atribui significado aos recursos naturais, os quais originam recursos artificiais num processo de metamorfose ininterrupta. A propósito, o postulado saussuriano da arbitrariedade do signo é refutado por alguns estudiosos que defendem a motivação do signo. A semelhança entre as onomatopéias e os sons emitidos pelos animais, por exemplo, apontam para a não-arbitrariedade do signo. Além de Freud e Nietzsche, Lacan e Peirce referem-se a questões do inconsciente imaginário coletivo:

Tem sido muito discutida a validade de uma extrapolação, alargamento ou generalização do discurso psicanalítico para fora do campo onde esse discurso se produz, quer dizer, para fora da psicanálise. De fato, desde Freud, o campo psicanalítico adquiriu uma especificidade própria. Seu

campo é o do inconsciente, sujeito descentrado ou barrado, como quis Jacques Lacan. Quaisquer transposições do discurso psicanalítico para fora das questões concernentes a esse sujeito do desejo inconsciente são na maior parte das vezes abusivas e mesmo estéreis. No entanto, ao fazer uma apresentação dos três registros, Lacan literalmente afirmou que esses três registros bem distintos do Imaginário, Real e Simbólico são os registros essenciais da realidade humana, chamando-os também de categorias conceituais, com o que ele parece ter fornecido um argumento para a postulação de uma universalidade desses registros. Lacan cita Peirce dizendo que suas categorias se definem a partir da visão peirciana: primeiridade, secundidade, terceiridade.

O *Homo viator* sobrepõe-se ao *Homo digitalis* em função de sua competência imaginativa. A habilidade criadora humana jamais será preterida em relação a qualquer forma de inteligência artificial. O filme “Eu, Robô”, dirigido pelo norte-americano Alex Proyas, lançado em 2004, ilustra bem essa ideia de que a intuição do homem jamais será substituída pela dedução da máquina:

O homem a caminho, ou, na palavra de Gabriel Marcel(1889-1973), o *homo viator*, possui certas virtudes características: iniciativa, coragem, tolerância, espírito de camaradagem, espírito de sacrifício e criatividade. É ator. Arrisca o vôo interplanetário. (ZILLES.2006., p. 18).

O imaginário humano, seja tecnológico, seja pessoal, pressupõe o Materialismo Histórico da Linguagem, considerado por Bakhtin (1999), ou seja, existe uma hereditariedade ideológica em nossos pensamentos. O que não se podem herdar são as imagens que ainda não foram pensadas. Essas dependem de nós e nossos descendentes para pulularem junto a outras tantas imagens de outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de S. Paulo, 1977.

BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

CEIA, Carlos. E-dicionário de termos literários. Disponível em <http://www2.fcs.unl.pt/edt/>. Acessado em 30 abr de 2010.

GAMA, Ricardo Rodrigues. Curso de Introdução ao Direito. 3 ed. Revista e Atualizada. Curitiba: Juruá, 2007.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: realismo e simbolismo*. Vol. II. São. Paulo: Cultrix, 2001.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

PAIVA, Rita de Cássia Souza. *Gaston Bachelard: imaginação na ciência, na poética e na sociologia*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

PEREZ TAPIAS, José Antônio. Internautas e naufragos : a busca do sentido na cultura digital. Tradução de Maria Stela Gonçalves e Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 2006)

PESSOA, Fernando. Obras completas (Poesia). 9 ed. Org. de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Aguillar, 1986.

SCHILLING, Voltaire. Nietzsche: Em Busca do Super-Homem. Porto Alegre: Age, 2001.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica; subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

ZILLES, U. Teoria do conhecimento. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PY, Fernando; LYRA, Pedro. (Org.) Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Agir, 1994

SOBRE A AUTORA

Neide Domingues da Silva possui Graduação em Letras Português/Inglês pela UEG (1999-2002), Especialização em Língua e Literatura pela UEG(2003-2004), curso Mestrado em Letras e Linguística pela UFG (ingresso em 2010). Atualmente é professora de Gramática, Literatura e Redação em nível médio nas redes pública e privada de Anápolis, Goiás.